



USP ESALQ – DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Estado de São Paulo

Data: 30/11/2017

Caderno/Link: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral.apetite-da-china-deve-continuar-crescendo-nos-proximos-anos.70002100599>

Assunto: Apetite da China deve continuar crescendo nos próximos anos

Apetite da China deve continuar crescendo nos próximos anos

País asiático é o principal comprador de várias commodities agrícolas do Brasil

Rogério Barros Moraes, especial para o Estado, O Estado de S.Paulo
30 Novembro 2017 | 05h00

A China consome a maior parte das commodities agrícolas exportadas pelo Brasil. Há anos, o país asiático figura como um dos principais responsáveis pelos sucessivos resultados positivos na balança comercial do agronegócio brasileiro. E não há sinal de mudança dessa tendência no curto prazo. Até outubro deste ano, os chineses compraram US\$ 23,8 bilhões em produtos do Brasil, o equivalente a quase 30% do total de US\$ 81,99 bilhões, em relação a igual período de 2016 (veja gráfico).

O país asiático também merece destaque nos números do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). A Pasta calcula saldo positivo entre US\$ 65 bilhões e US\$ 70 bilhões na balança comercial, sendo que, até setembro, apenas o superávit ligado às transações com a China representava 30% desse total. Parte considerável desse montante veio da compra de commodities agrícolas, como a soja.



China consumiu 50 milhões de toneladas do grão brasileiro até outubro, quase metade da colheita do País
Foto: Jonne Roriz/Estadão



Com tamanho peso nas exportações brasileiras do agronegócio, a dúvida que sempre permeia as análises de especialistas do setor é se não é arriscado manter uma dependência nesse nível. Alguns setores, por exemplo, tomaram um tombo de 2016 para cá. É o caso do açúcar brasileiro, que por causa de taxas protecionistas impostas pelos chineses, teve sua participação reduzida significativamente em 2017. No ano passado, os embarques da commodity somaram US\$ 850 milhões. Até outubro de 2017, estavam 84% menores.

Analistas concordam porém que, se houver recuo nas compras da China, isso não deve ocorrer nos próximos anos. Para o analista Fábio Meneghin, da consultoria Agroconsult, o consumo de commodities brasileiras – não só as do agronegócio – pelo gigante asiático deve se expandir, mesmo porque se projeta um incremento anual da economia daquele país na taxa de 6% a 7% para os próximos anos. “A China deve continuar sendo principal parceiro comercial do Brasil.”

O pesquisador Thiago Bernardino de Carvalho, do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq-USP, lembra que o agronegócio do Brasil continuará a ser estratégico para o abastecimento não só da China, mas do mundo. Apesar de reconhecer que a tecnologia nacional ainda precise avançar, Carvalho ressalta que, em termos de clima, disponibilidade de solo e água, não há um país com vantagens comparativas maiores. “A China, com toda a sua expansão populacional e dificuldades com área para produção, clima e água, tem aqui um grande e estratégico parceiro para os próximos anos”, analisa.

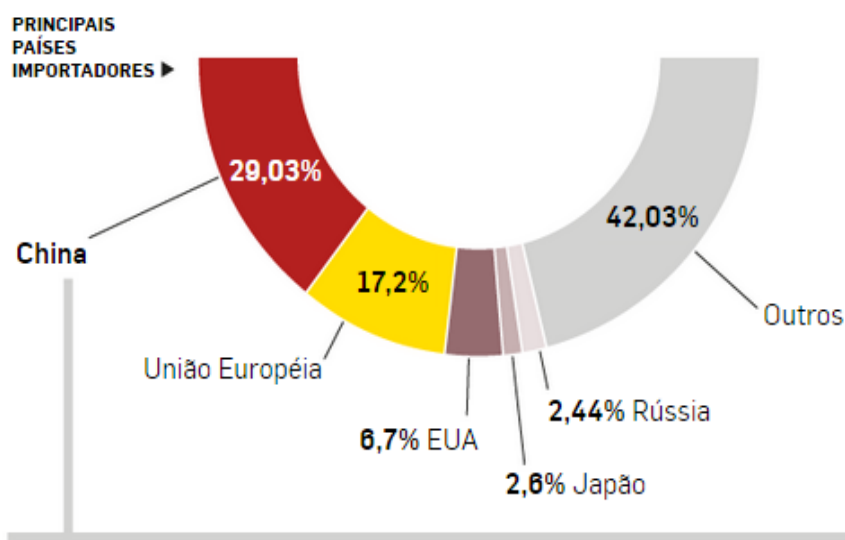
Competição. Ele assinala que a disputa entre as commodities mais vendidas para lá deve se acirrar nos próximos anos, o que não prejudicaria o Brasil. A liderança deve permanecer com a soja, “até pelas escolhas políticas e de mercado tanto do governo brasileiro quanto do chinês”, diz. “Entretanto, as carnes ganharão cada vez mais espaço.” No dia 1.º de novembro, por exemplo, o ministro da Agricultura, Blairo Maggi, anunciou a habilitação, pela China, de mais 22 plantas frigoríficas brasileiras, sendo 11 de bovinos e 11 de frangos, com potencial para gerar US\$ 50 milhões por ano. Além disso, em meados do mês um grupo de empresários chineses visitou Mato Grosso para conhecer a produção de suínos, informou o governo do Estado.



Cada vez maior

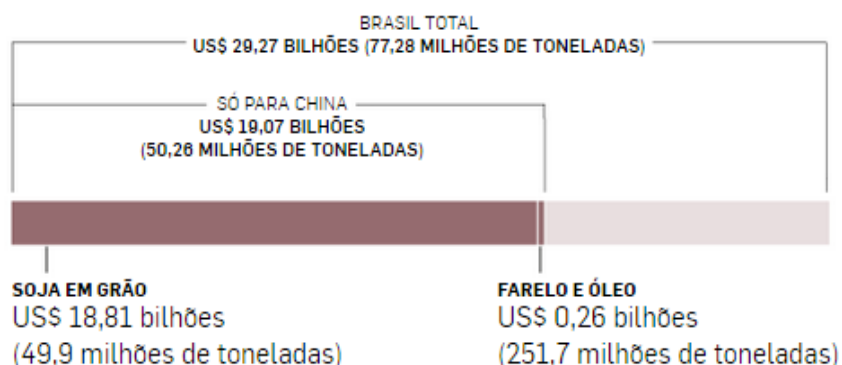
O peso da China nas exportações brasileiras do agronegócio

Exportações brasileiras do agronegócio



Exportações do complexo soja

SOJA EM GRÃO, FARELO E ÓLEO, ATÉ OUTUBRO DE 2017



Exportações do complexo carnes

CARNES BOVINA, SUÍNA E DE FRANGO, ATÉ OUTUBRO DE 2017



Fonte: Ministério da Agricultura / Agrostat



O presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec), Antonio Jorge Camardelli, também é otimista quanto à expansão dos embarques do agronegócio brasileiro para o mercado asiático. No seu setor, projeta que o incremento da receita de exportações de carne bovina in natura só para a China, que até outubro deste ano foi de US\$ 718 milhões, com 166 mil toneladas, deverá alcançar 10% – o volume embarcado até outubro já superava o total de 2016 em 7,4%, conforme a Abiec, com base nos dados do MDIC. Ele avalia que a manutenção no poder do líder do Partido Comunista Chinês, Xi Jinping, indica que o país manterá a tendência de abrir mais a economia. Para o executivo, a credibilidade da proteína animal brasileira naquele mercado conseguiu, inclusive, prevenir maiores estragos provocados pela Operação Carne Fraca, em março, além dos escândalos envolvendo os executivos a JBS. “A China chegou a suspender alguns contratos de exportação, mas logo reveriu a decisão.”

Aves e suínos. O otimismo quanto ao parceiro chinês permeia igualmente as projeções da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA). O presidente executivo, Francisco Turra, recorre a números da economia chinesa para reforçar a tendência de alta. O país deve crescer este ano de 6,5%, segundo ele. “Se por um lado o consumo está aquecido na China, por outro a produção avícola reduziu sua capacidade produtiva”, diz, lembrando que 80% da carne de frango adquirida pela China vem do Brasil, que é um país livre de influenza aviária, o que aumenta sua competitividade. “Em 2016, foram 480 mil toneladas com receita de US\$ 860 milhões.”

Urbanização no país asiático amplia oportunidades

Para o diretor da KPMG, rede de consultores e auditores com presença também no agronegócio, Daniel Lau, o Brasil deveria investir mais em visitas governamentais, setoriais e empresariais para favorecer a relação comercial entre os dois países.

Lau também acredita que a situação atual da China leva à conclusão de que a voracidade pelas commodities brasileiras tem fôlego para seguir adiante. Segundo o consultor, a perspectiva de aumento das importações se deve a fatores como o processo de urbanização da China, que promete se estender até 2030. Esse movimento envolve, no mínimo, 18 milhões a 20 milhões de pessoas.

Além da soja, a demanda deverá crescer para commodities como celulose, proteína animal e minério de ferro. “Alguns vão crescer mais e outros menos, mas todos vão se expandir”, afirma Lau, complementando que para o milho as expectativas são mais favoráveis. Isso porque o governo chinês adotou como meta até 2020 adicionar 10% de álcool derivado do cereal para cada litro de gasolina.

Embora a China tenha um grande estoque do grão, o mercado interno vai demandar maior importação do produto. “É uma oportunidade para o Brasil aumentar sua pauta de exportação para China”, avisa Lau.

